

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
DENILSON SANTOS DA SILVA**

**OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO À LUZ DO LIVRO VII
DE A REPÚBLICA**

Juiz de Fora
2021

DENILSON SANTOS DA SILVA

**OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO À LUZ DO LIVRO VII
DE A REPÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Rômulo Gomes de Oliveira.

Juiz de Fora
2021

SILVA, Denilson Santos da. **Os fundamentos da educação à luz do livro VII de A República.** Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rômulo Gomes de Oliveira (UniAcademia)
Orientador

Prof. Me. Laureandro Lima da Silva (UniAcademia)

Prof.^a Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinado em: 29/11/2021.

Dedico este trabalho à minha família,
aos meus amigos e à Congregação
dos Filhos do Amor Misericordioso.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é amor misericordioso, que é merecedor de todo louvor, honra e glória, que ilumina e guia os meus passos.

A minha família, que sempre me apoiou e incentivou, junto da Congregação dos Filhos do Amor Misericordioso que me ajudaram imensamente como pessoa.

Ao meu orientador, Professor Padre Rômulo, pela sua disposição, dedicação e contribuição que foram muito importantes e engrandecedores.

À coordenadora do curso Prof.^a Regina Meirelles e a todos os professores que ajudaram com ensinamentos e experiências de grande valor durante todo o curso.

Aos irmãos e colegas seminaristas, por toda convivência e companheirismo, assim como a todos que os que me ajudaram durante todo este percurso.

Obrigado a todos!

Por conseguinte, meu excelente amigo,
não eduques as crianças no estudo pela
violência, mas a brincar, a fim de ficares
mais habilitado a descobrir as tendências
naturais de cada um.
Platão

RESUMO

SILVA, Denilson Santos da. **Os fundamentos da educação à luz do livro VII de A República**. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2021.

Este trabalho visa abordar a questão de como é possível fundamentar a educação a partir do livro VII de **A República**, no qual se encontra o famoso texto platônico da alegoria da caverna. Para o melhor desenvolvimento do tema apresenta-se o contexto histórico do filósofo Platão, assim como as influências intelectuais que contribuíram para a elaboração dessas ideias. É feita uma análise do livro VII, com a elucidação da concepção do filósofo sobre o que é o ser humano, o qual é apresentado como um indivíduo presente no mundo terreno, sendo constituído por corpo e alma, que são duas dimensões que necessitam de educação para uma harmonia entre si. Destaca-se a alegoria da caverna como uma forma metafórica de se representar a educação na concepção platônica, em suas condições de possibilidade e consequências relacionadas aos procedimentos adotados. Por fim, são apresentados os fundamentos da educação, com base no livro VII, que são a importante base para um processo educacional orientado ao parto do conhecimento que há no ser humano. Tal processo se dá por meio da inter-relação dos fundamentos, que leva ao último e mais importante fundamento: a prática do Bem. Assim, quando bem compreendidos e apresentados, os fundamentos do processo educacional de concepção platônica podem inspirar um modelo de educação na contemporaneidade. Firmada em boas bases, a educação atual pode contribuir para que cada indivíduo seja formado de maneira adequada, visando tanto à realização pessoal deste na coletividade em que vive quanto ao melhor desenvolvimento desta por meio da colaboração dos indivíduos.

Palavras-chave: Educação. Fundamentos educacionais. Platão. A República. Ser humano.

SINTESI

Questo lavoro si propone di affrontare la questione di come sia possibile sostenere l'educazione a partire dal libro VII della Repubblica, in cui si trova il famoso testo platonico dell'allegoria della caverna. Per un migliore sviluppo del tema, viene presentato il contesto storico del filosofo Platone, nonché le influenze intellettuali che hanno contribuito all'elaborazione di queste idee. Si fa un'analisi del libro VII, con la delucidazione della concezione filosofica di cosa sia l'essere umano, che si presenta come individuo presente nel mondo terreno, costituito da corpo e anima, due dimensioni che necessitano di educazione per un'armonia di insieme. L'allegoria della grotta si pone come modo metaforico di rappresentare l'educazione nella concezione platonica, nelle sue condizioni di possibilità e conseguenze legate ai procedimenti adottati. Infine, vengono presentati i fondamenti dell'educazione, basati sul libro VII, che sono le basi importanti per un processo educativo orientato alla nascita della conoscenza che esiste nell'essere umano. Questo processo avviene attraverso l'interrelazione dei fondamenti, che porta all'ultimo e più importante fondamento: la pratica del Bene. Così, quando ben compresi e presentati, i fondamenti del processo educativo della concezione platonica possono ispirare un modello di educazione nella contemporaneità. Fondata su buone basi, l'educazione attuale può contribuire a formare ogni individuo in modo adeguato, mirando sia alla sua realizzazione personale nella comunità in cui vive, sia al suo migliore sviluppo attraverso la collaborazione dei singoli.

Parole chiave: Educazione. Fondamenti educativi. Platone. La Repubblica. Essere umano.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 O CONTEXTO HISTÓRICO-INTELLECTUAL DO PARTO DE A REPÚBLICA.....	12
3 UMA ANÁLISE DO LIVRO VII DE A REPÚBLICA	21
3.1 APONTAMENTOS ANTROPOLÓGICOS FUNDAMENTAIS	21
3.2 A ESTRUTURA DO LIVRO VII E A ANÁLISE DA ALEGORIA.....	27
4 OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO EM A REPÚBLICA.....	34
4.1 QUAIS SÃO OS FUNDAMENTOS?	35
4.2 COMO OS FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS SE RELACIONAM?	39
4.3 COMO A FUNDAMENTAÇÃO PLATÔNICA CONTRIBUI PARA A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre a temática da educação em Platão é, ainda, relevante, pela pertinência que tal temática possui, principalmente porque o filósofo tem um grande cuidado com essa questão, uma das mais sensíveis para uma sociedade. Buscar fundamentar a educação à luz do livro VII de **A República** é estratégico devido à ênfase que esse livro dá à educação. É nessa parte da obra que se encontra o tão famoso e ilustrativo texto da alegoria da caverna, que aponta para os fundamentos educacionais, contribuindo decisivamente para a investigação desse tema a partir do pensamento de Platão.

Este trabalho, conforme a temática assumida, tem como foco o ser humano, já que a educação é de extrema relevância para o indivíduo, segundo Platão. Educar o homem gera mudanças na vida pessoal e coletiva, de modo a contribuir para com a sociedade em que se encontra, tornando-a um lugar melhor, isto é, um ambiente mais adequado à vida dos indivíduos e à convivência entre estes. Assim, esse trabalho é uma forma de elucidar um assunto tão valioso para o indivíduo e para o seu ambiente social como é a educação, buscando fundamentá-la no pensamento platônico e apresentar a pertinência desses fundamentos tanto para seu contexto social quanto para a atualidade.

O desenvolvimento deste trabalho é composto por três seções: a contextualização histórico-intelectual do **parto** de **A República**, apresentando Platão e o seu ambiente, por meio de acontecimentos e influências que o marcaram como pensador ocidental eminente; em seguida, é feita uma análise do livro VII da obra, expondo os apontamentos antropológicos fundamentais nele contidos, assim como a estrutura desse livro e uma análise da alegoria da caverna; chega-se, desta forma, à última seção, sobre os fundamentos da educação em **A República**, onde estes são apresentados e a relação deles entre si, convergindo para as contribuições de tais bases para a educação. A educação deve ser entendida formalmente e informalmente, ou seja, tanto no âmbito escolar como pela convivência na sociedade.

O caminho a ser trilhado até se chegar aos fundamentos do processo educacional, principal objeto deste trabalho, foi escolhido de modo a se alcançar maiores contribuições para os resultados pretendidos. Dessa forma, partir-se-á do problema: Como é possível fundamentar a educação do ser humano no livro VII de **A**

República? Essa é a questão que impulsionou a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo para a elaboração deste texto narrativo autoral etnográfico.

Como hipótese para o problema colocado, tem-se que: é possível fundamentar a educação do ser humano no livro VII, na medida em que contém elementos basilares para um processo educacional bem constituído, orientado, sobretudo, para a formação ética do homem, para que ele pratique o Bem.

Para o desenvolvimento deste texto, assumiu-se como obra principal **A República** (2008), de Platão, tendo como foco o livro VII. Os livros **História da Filosofia: Filosofia pagã antiga** (2011), de Dario Antiseri e Giovanni Reale, e **Os Filósofos: Clássicos da Filosofia - de Sócrates a Rousseau** (2018), organizado por Rossano Pecoraro, ajudaram a contextualizar o período no qual Platão se encontrava, além de colaborar com outros assuntos relativos ao pensamento platônico. As obras **A educação do homem segundo Platão** (2012), de Borges Teixeira; **Paidéia: a formação do homem grego** (2003), de Werner Jaeger; e a Dissertação de Mestrado **Platão e a educação: um estudo do livro VII de “A República”** (2007), de Ana Lucia Lazarini, são obras que possuem assuntos de grande importância e comentários bastante elucidativos que contribuem com o desenvolvimento explicativo deste trabalho, visando a se chegar à fundamentação da educação.

Trabalhar temáticas que envolvam a educação pode ser uma empreitada enriquecedora, tanto para quem produz textos relacionados quanto para quem os lê. Buscar fundamentar o processo educacional é uma tarefa desafiadora. Tal desafio ganha intensidade quando seu objeto coincide com o pensamento de um filósofo antigo que deve ser usado como base para inspirar reflexões em prol da educação contemporânea. Esse tipo de tentativa, como é a do presente texto, é capaz de provocar diversos debates e reflexões. Tais questões são, no entanto, ricas e incentivadoras, principalmente, para os que se sentem atraídos pelo assunto da educação na atualidade, e que buscam se aprofundar nessa temática indispensável inspirados nos clássicos. Trata-se de um caminho que permite trazer nova luz às problemáticas relacionadas, sem perder a base sólida dos pilares ocidentais. Diante de desafios intelectuais e culturais fermentados pelo pragmatismo, pelo tecnicismo, pelo ceticismo e pelo niilismo, rever os clássicos constitui-se numa atitude para além da provocação de resistência a essas tendências. Corresponde, antes, a pôr-se e a propor à sociedade o desafio de se revisar constantemente, relendo e repensando seus próprios fundamentos culturais e intelectuais, sem ceder, de modo

insuficientemente crítico, a posturas de pensamento que surgem periodicamente na história. Retomar os clássicos em diálogo com o pensamento contemporâneo é um trajeto sempre possível e capaz de fazer emergir novas ideias e soluções mais amadurecidas e criativas.

2 O CONTEXTO HISTÓRICO-INTELLECTUAL DO PARTO DE A REPÚBLICA

Provavelmente, no ano de 428 a.C., na cidade grega de Atenas, nasceu Arístocles, conhecido popularmente como Platão, nome que faz referência à sua estatura física: Platão significa “de ombros largos”. Ele se tornou um grande filósofo e viveu até o ano de 347 a.C., seus pensamentos, ideias e métodos influenciaram outros grandes pensadores e continuam a influenciar tantos outros na contemporaneidade. Arístocles foi discípulo de Sócrates, o qual persuadiu muito a maneira de pensar do seu seguidor, por meio das suas reflexões e ideias (ANTISERI; REALE, 2011).

Para Sócrates, o conhecimento já se encontra intrínseco em cada indivíduo. Assim, ninguém transmite o conhecimento a outra pessoa, visto que todo indivíduo já o possui dentro de si, basta apenas que alguém, um mestre ou professor, o ajude a parir tal conhecimento. Esse pensamento de Sócrates pode ser percebido na filosofia platônica, que faz alusão ao seu mestre na questão de as pessoas precisarem parir o conhecimento que já se encontra em seu interior, por isso, no título desta parte do trabalho se faz uso do termo **parto**, que reflete o pensamento do mestre e do discípulo.

Filho de Aríston, seu pai, e Perictione, sua mãe, Platão vinha de uma família tradicional e aristocrática dentro da política ateniense (RIBEIRO; SARDI, 2018). Impelido a seguir uma vida na política da cidade de Atenas, Platão se afasta de tal opção, principalmente ao observar as injustiças e a corrupção presentes no ambiente que, em tese, deveria se preocupar em cuidar do bem comum da cidade e de todos os seus habitantes, mas que acabava por gerar ainda mais violência. Contudo, o principal motivo que o impulsiona a não seguir na vida política é a injusta condenação do seu grande mestre à morte por envenenamento.

A cidade de Atenas passou a ocupar o centro político da Grécia Antiga por volta do séc. V a.C. A democracia ateniense passou a vigorar logo após o século de destaque da cidade-estado de Esparta, que contribuiu muito para os modelos educacionais e culturais da Grécia Antiga. Lê-se que:

Em geral, quando falamos da Grécia antiga, logo remontamos a Atenas como o símbolo da maior genialidade grega. Nem sempre foi assim. Na verdade, os primeiros a inculcar um ideal de educação, baseado na ideia de excelência humana, foram os espartanos, e não os atenienses. O século VII é o grande século de Esparta, que ocupou um lugar privilegiado na história da educação e da cultura helênicas (TEIXEIRA, 2012, p. 14).

Esparta já inspirava temas centrais da sociedade grega, como a questão da educação e da cultura, e utilizava dos meios educacionais que Homero postulava por meio do uso da poesia e do mito, que valorizavam as virtudes, mas com caráter militar, educando as crianças desde cedo até os seus vinte anos de idade, esse era o estilo da *paideia* dessa sociedade. O privilégio espartano, nessa época marcante, é de grande valia para Platão, tanto que o filósofo se sente instigado com o modelo educacional disciplinado da civilização espartana, que poderia contribuir de maneira bem satisfatória para a formação de uma cidade justa, como o filósofo expõe no seu livro **A República**.

Após esse período glorioso de Esparta, teve início o período de prestígio da cidade de Atenas na história grega, marcado principalmente pela democracia instaurada e que acaba por possibilitar uma maior participação política por parte dos seus cidadãos (TEIXEIRA, 2012).

A *polis*, por ser um grande marco para os gregos daquela época, era o lugar em que os cidadãos da sociedade grega organizavam suas vidas, até mesmo em nível espiritual. Para Platão, a disciplina do estado espartano era a ideal, um modelo para a educação do povo ateniense. Desta forma, Atenas caminhava para o seu apogeu como modelo de democracia e de cidade que marcou a história.

A preocupação filosófica, que antes era voltada para a problemática da *physis* e os fins últimos, se volta agora para o homem, para a sua conduta, principalmente no que diz respeito à busca pela *aretê* e pela vida política, e também para a questão do conhecimento do ser humano. Tais questões ganham mais relevância dentro desse contexto ateniense. Os principais filósofos que trataram sobre essas novas problemáticas foram Sócrates, Platão e Aristóteles, que inspiraram tantos outros pensadores que surgiram depois.

Platão teve contato com a filosofia da *physis*, de modo especial as de Parmênides e Heráclito. Antes de ter tido Sócrates por seu mestre, já que o conheceu por volta de seus vinte anos de idade, o filósofo ateniense teve como mestre Crátilo, que fora discípulo de Heráclito, segundo a ponderação de Aristóteles, que foi seguidor de Platão (ANTISERI; REALE, 2011).

Após a morte de seu mestre Sócrates, que ocorreu de maneira intrigante, devido a injustiça da classe política que o julgou, o jovem filósofo teve contato também com alguns pitagóricos em meio às viagens que fez. Todos esses conhecimentos

contribuíram para que os pensamentos platônicos viessem a surgir durante a vida do filósofo e que é possível perceber em alguns de seus escritos.

Um pouco antes de Sócrates, já existia um grupo conhecido como sofistas, formado por pessoas que se consideravam detentoras de conhecimento e da arte da retórica e da oratória e viajavam pelas cidades em busca de pessoas que pagariam pelos seus serviços de transmissão de conhecimentos aos seguidores que os contratavam, com a finalidade de utilizarem desses aprendizados no meio político e na sociedade para convencerem opositores.

Platão assume a postura socrática em relação aos sofistas, já que o embate discursivo entre tal grupo e Sócrates girava em torno das questões políticas e éticas que envolviam os indivíduos e as suas vidas dentro da cidade. A posição dos dois lados sempre divergia nessas discussões, já que os interesses sofistas no trabalho que eles faziam não se encaixavam com as preocupações que realmente visam ao bem do homem e da *polis*. O estudioso destaca que:

O pensamento de Sócrates e dos sofistas deve ser entendido, portanto, tendo como pano de fundo o contexto histórico e sociopolítico de sua época, pois tem um compromisso bastante direto e explícito com essa realidade. Isso mostra uma proximidade maior entre Sócrates e os sofistas do que entre Sócrates e os pré-socráticos (MARCONDES, 2010, p. 40).

A proximidade do mestre de Platão com os sofistas se apresenta dentro do contexto histórico em que a democracia vigorava em Atenas, em meio a algumas crises causadas pela transição da aristocracia ao regime democrático. Mas a política que se instaurava dentro da cidade mostrava-se insatisfatória para Sócrates.

Essa insatisfação gerava as discussões com os sofistas, visto que o serviço que eles prestavam não tinha como intuito tornar o indivíduo melhor, por meio das virtudes, nem mesmo tornar o ambiente melhor e mais justo. Pela linha do pensamento socrático, Platão mantém as mesmas posições que seu mestre em relação aos sofistas, com uma postura ainda mais crítica, sobretudo às formas de pensar e ensinar. Outro filósofo que adotou essa mesma postura foi Aristóteles.

Como mencionado anteriormente, a morte de Sócrates causou certo impacto na vida do jovem Aristocles, justamente pelo fato de a morte ter acontecido de maneira injusta e com acusações mentirosas, que relatavam o corrompimento dos jovens daquela época por meio do discurso do acusado, o que levou Platão a se decepcionar

ainda mais com a política e com a justiça daquela época e daquele meio, que já era bem corruptível.

Após a morte do seu mestre, Platão faz algumas viagens, retornando certo tempo depois a Atenas. Aí, ele funda a sua Academia, que passou a receber bastante consideração sem muita demora após sua fundação (ANTISERI; REALE, 2011).

O que se sabe sobre Sócrates é muito mais pelo pensamento e pelos relatos de Platão, já que o primeiro utilizava dos métodos orais, ou seja, da discussão, do diálogo, não deixando nenhum escrito de próprio punho ou autoria para a posterioridade, outros filósofos contemporâneos a esses dois também escreveram sobre o pensador, que não deixou nada escrito, a maioria dos relatos permanecem por meio das fontes escritas de Platão.

A grande admiração e o respeito pelo seu mestre são notórios em vários de seus escritos, tanto que “para Platão o escrito filosófico apresentava-se como “diálogo”, que terá comumente Sócrates como protagonista, discutindo com um ou vários interlocutores” (ANTISERI; REALE, 2011, p. 136, grifo do autor). Um exemplo do protagonismo assumido por tal personagem se encontra no livro **A República**, em que dialoga com outros, além de esse ícone protagonista aparecer em outras obras do seu seguidor. Isso mostra ainda mais a importância desse personagem dentro da filosofia platônica.

Mediante tal contexto histórico, as maneiras de preocupação com o conhecimento também acabavam por evoluir e modificar os novos focos para outros tipos de conhecimentos como para outros objetos de estudo. A mudança do período em que a mitologia respondia aos questionamentos humanos, de maneira especial aos eventos naturais em que os mitos satisfaziam as questões da época, para o tempo em que a filosofia da *physis* predominava e o foco consistia em determinar o algo natural do qual tudo era originado. Até chegar à preocupação mais refinada em relação ao ser humano e à sua conduta, a sua forma de conhecer e à sua participação no meio político em colaboração com a cidade a qual pertence.

Os acontecimentos que circulavam a questão do conhecimento e do foco de conhecimento durante essas fases da Grécia Antiga acompanhavam também a formação intelectual e total das pessoas de acordo com a época em que elas se encontram. Seja no período em que os mitos buscavam responder aos questionamentos feitos pelos homens, seja no período em que os questionamentos

sobre o que deu origem a todas as coisas buscavam uma resposta, a formação do homem é acompanhada por esses fatos.

Assim, percebe-se que a formação intelectual do ser humano tem a contribuição do seu contexto histórico, das suas influências, das mudanças e do seu tipo de educação.

Platão está inserido no período em que o ser humano e o seu tipo de conduta eram colocados como uma temática importantíssima e digna de reflexões e debates, em que de um lado se encontra Sócrates e do outro os grupos sofistas. Os dois lados contribuem para a formação intelectual desse filósofo ateniense, ainda que haja predominância do pensamento socrático.

Isto não quer dizer que a filosofia de Platão seja uma mera réplica da filosofia do seu mestre, já que, por meio dos seus escritos e textos, é possível perceber a sua própria independência em novos pensamentos (MARCONDES, 2010).

A colaboração para a formação intelectual de Platão perpassa pelo contato com a filosofia naturalista, que já não era a ocupação mais importante no que se refere aos debates e reflexões das pessoas. Porém, as filosofias de Heráclito, Parmênides e Pitágoras mostraram-se de grande valia para a sua formação, juntamente com os pensamentos contribuintes na fase da juventude do filósofo ateniense. Essas contribuições são importantes para que as próprias reflexões do filósofo assumam inédito protagonismo. Segundo:

[...] Platão, ao contrário dos grandes filósofos da natureza da época pré-socrática, não é o desejo de resolver o enigma do universo como tal que justifica todos os seus esforços pelo conhecimento da verdade, mas sim a necessidade do conhecimento para a conservação e estruturação da vida. Platão aspira a realizar a verdadeira comunidade, como o espaço dentro do qual se deve consumir a suprema virtude do Homem (JAEGER, 2003, p. 590).

A forma de olhar para a cidade como um lugar privilegiado, que possui função de suma importância na formação do homem é muito presente dentro do pensamento platônico. O filósofo almeja o alcance dessa cidade harmoniosa que impele os seus habitantes às boas condutas, por uma boa educação e formação, pelos trabalhos que são realizados por todos para o bom funcionamento da comunidade e por uma política que não satisfaça aos desejos secundários, que por vezes são para benefícios de determinados grupos ou para os interesses individuais, ausentando, desta forma, os interesses prioritários do todo.

Como um dos mais importantes e influentes pensadores do pensamento ocidental, Platão se dedica aos problemas que são pertinentes à vida do ser humano e às reflexões que giram em torno da *polis* e dos seus habitantes, pois tais problemas que envolvem estas duas esferas, humana e comunitária, são essenciais para os seus desenvolvimentos.

Para o filósofo, o conhecimento que se faz presente nas pessoas deve se apresentar como um serviço, uma ajuda, uma prática virtuosa que visa à conservação e à estruturação da vida do indivíduo. O conhecimento se mostra como uma preocupação com o todo, ou seja, com o homem e com a sua habitação, com a conservação da totalidade que busca o bem geral da sociedade em todos os seus aspectos, sejam eles políticos, morais, educacionais ou formativos. Assim, a vida virtuosa que é esperada por parte do ser humano pode ser mais facilmente obtida quando a cidade está em plena contribuição para que o seu habitante a busque e a alcance.

A formação intelectual de Platão faz com que ele assuma posturas que vão em desencontro com os sofistas e que se entrelaçam muito mais com a vertente do pensamento socrático. A filosofia do ateniense busca trabalhar com excelência as problemáticas que estão ao redor da compleição do homem, já que as reflexões feitas sobre os temas que são pertinentes a ele buscam a sua melhoria individual em meio aos demais indivíduos da sua mesma habitação. Tais concepções não se adequam às práticas políticas do seu tempo em Atenas, práticas que condenaram Sócrates à morte.

Em meio a todo o contexto da época de Platão e mediante a sua formação e influências por parte de outros pensadores, o filósofo desenvolve os seus escritos, que chegam a ser trinta e seis. Um dos seus principais livros, que será apresentado logo abaixo, trata-se de um debate em busca de uma cidade ideal, em que seus habitantes desfrutem de uma vida virtuosa e justa.

A obra **A República** é composta por dez livros, ou capítulos, e é um diálogo entre o personagem Sócrates e outros interlocutores que começam a debater sobre o que é a justiça no primeiro livro da obra, visto que é um tema fundamental para a construção de uma cidade ideal, juntamente com a ideia do bem.

O primeiro capítulo do livro **A República** não foi elaborado por Platão no seu período médio, de 385-370 a.C., em que a influência pitagórica se faz mais presente no autor e no período em que os outros nove capítulos foram desenvolvidos, mas sim

no chamado período socrático do filósofo, de 393-389 a.C., em que foi descoberta a independência da primeira parte da obra em relação às outras, que foram acrescentadas anos depois (RIBEIRO; SARDI, 2018).

O livro **A República** está em um período platônico em que o seu próprio autor começa a se desvincular de um caráter mais aporético, buscando encontrar soluções para as problemáticas que são discutidas, como relatado abaixo:

Platão sentiu que não bastava apenas refutar as opiniões errôneas dos outros, como Sócrates fazia, mas também seria necessário apresentar soluções e respostas. As grandes teorias que caracterizam o pensamento próprio de Platão são então elaboradas: a Teoria das Ideias, o conhecimento como reminiscência, e a utopia política exposta na República (RIBEIRO; SARDI, 2018, p. 42).

A grande obra do filósofo ateniense já se encontra entre as suas próprias grandes teorias, assim como se torna uma nova grande teoria de Platão dentro das reflexões políticas do pensador. O diálogo do livro **A República** é um dos diálogos em que o autor não quer mais manter o caráter aporético que se encontram em escritos anteriores a esta sua obra, mas sim trazer respostas e soluções para as problemáticas políticas que são desenvolvidas dentro do escrito e que giram em torno do grande tema da justiça e do bem.

Como colocado anteriormente, o primeiro capítulo dessa grandiosa obra platônica foi escrito bem antes dos demais, no período de sua vida que é chamado de socrático, é possível perceber a maneira com que o autor encerra o primeiro livro, na fala do personagem principal, desta forma: “Desde que não sei o que é a justiça, menos ainda saberei se se dá o caso de ela ser uma virtude ou não, e se quem a possui é feliz ou não feliz.” (PLATÃO, 2008, p. 43). Assim, nota-se que a discussão do personagem Sócrates com os demais, trata sobre o que é a justiça, chega ao final deste capítulo sem uma resposta para a indagação que foi feita, e que nos livros que são acrescentados no período médio do autor essa indagação ainda continuará presente, buscando ser respondida no seguimento da obra.

Em meio às incertezas políticas, aos valores tradicionais e religiosos que estavam sendo desrespeitados e às más formas de educação das crianças e jovens, o livro **A República** de Platão busca descrever como deveria ser a cidade ideal, seja na questão política, na familiar, na religiosa e na educacional. Assim, a obra descreve as funções individuais de cada pessoa, da mais simples função até a mais complexa,

que é a de governar a *polis*, todas as funções serão correspondidas de acordo com a definição de ser humano que o filósofo ateniense faz, principalmente no que diz respeito às aptidões da *psyché* de cada indivíduo.

O tema da justiça é o tema central da obra filosófica platônica, desse assunto derivam outras temáticas pertinentes e que contribuirão com ele, como é a questão da educação que possui suma importância para o desenvolvimento de uma cidade ideal e justa, apresenta nos escritos do filósofo.

A questão da educação será desenvolvida no decorrer deste trabalho, no que se trata dos fundamentos educacionais, tendo como referência principal para o seu desenvolvimento o livro sétimo de **A República**, que começa da seguinte forma:

–Em seguida – continuei –, imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta, de acordo com a seguinte experiência. Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta (PLATÃO, 2008, p. 210).

Platão já inicia o livro VII sugerindo que fosse imaginado a natureza humana com a presença da educação na vida do homem, ou como seria essa vida com ausência da educação. O filósofo, através do personagem Sócrates, pretende mostrar a Glauco, que é o outro personagem do diálogo, a distinção entre esses dois tipos de vida baseado na presença ou na falta da educação, e explicará quais são as consequências de cada modo de vida que o homem opta por seguir.

Em seguida, já se inicia a alegoria da caverna que será exposta pelo personagem principal e que é utilizada para explicar questões envolvidas na educação e em sua falta. Tais reflexões contribuem para a busca da cidade justa debatida na obra do filósofo ateniense.

O **parto** de **A República** acontece no contexto em que há preocupações com conhecimento, com o homem e sua conduta, com a questão política, considerada naquela época de maneira insatisfatória, na visão de Platão, pois a democracia que vigorava em Atenas se mostrava muito frágil e passível de manipulações e corrupções, como foi percebido na condenação de Sócrates. Esse importante escrito do filósofo tem um tom de crítica à cidade ateniense e a toda a sua estrutura, que não apresentava uma boa formação para o indivíduo, nem o fazia querer gozar de uma vida virtuosa cumprindo a sua função e colaborando desta forma com a *polis*. Assim, ainda é percebido na obra que tal habitação não possuía um governante que estivesse

apto para governar a cidade com a sabedoria e o conhecimento que são exigidos nessa função que é importantíssima.

Após essa contextualização histórica e intelectual em que Platão se encontrava e em que a obra **A República** nasceu, será apresentado agora uma análise do livro VII da obra platônica.

3 UMA ANÁLISE DO LIVRO VII DE A REPÚBLICA

O livro VII de **A República** apresenta a importância da educação na estruturação da cidade ideal, assim como na formação dos indivíduos da *polis*, para que esses, mediante a formação que ajuda no **parto** do conhecimento, possam exercer as suas funções com excelência e virtuosidade. Tal parto se faz necessário, pois a existência virtuosa só é possível quando o homem consegue alcançar o conhecimento que Platão tanto estima, que é suprassensível. Zilles (2008, p. 54) explica a postura do filósofo, “Conhecer significa subordinar coisas concretas às idéias, pois as idéias possuem um valor ontológico superior ao visível.”. Ou seja, a verdadeira educação deve levar ao conhecimento do que se encontra no mundo ideal, por meio da ciência dos números e da dialética¹.

Assim como uma boa educação pode gerar boas consequências, a ausência dela pode causar problemas muito inconvenientes para a habitação, pois, os homens teriam uma inclinação significativa para as coisas sensíveis e passageiras, que os podem levar a uma vida simplesmente apetitiva e desordenada, não possuindo, desta forma, a competência necessária para colaborar com a cidade e muito menos para governá-la, como Platão irá expor em seu mais expressivo diálogo sobre política.

Para melhor analisar o livro VII da obra de Platão, primeiro serão apresentadas as concepções antropológicas fundamentais para o filósofo, da relação entre corpo e alma, em seguida, será exposta a estrutura do livro sétimo e a análise da alegoria da caverna.

3.1 APONTAMENTOS ANTROPOLÓGICOS FUNDAMENTAIS

Para se compreender a visão que Platão possui a respeito da educação e dos seus fundamentos deve-se, primeiro, entender como é sua percepção do ser humano. A concepção do indivíduo é muito importante para se apreender sobre o tema da educação para o filósofo, já que a educação para ele está intimamente ligada à sua

¹ “Em Platão, a dialética é o processo pelo qual a alma se eleva, por degraus, das aparências sensíveis às realidades inteligíveis ou ideias. Ele emprega o verbo *dialeghetai* em seu sentido etimológico de “dialogar”, isto é, de fazer passar o *logos* na troca entre dois interlocutores. A dialética é um instrumento de busca da verdade, uma pedagogia científica do diálogo graças ao qual o aprendiz de filósofo, tendo conseguido dominar suas pulsões corporais e vencer a crença nos dados do mundo sensível, utiliza sistematicamente o discurso para chegar à percepção das essências, isto é, à ordem da verdade.” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 73, grifo do autor).

antropologia. Tradicionalmente, o filósofo ateniense, do ponto de vista ontológico, é interpretado como dualista, já que defende o mundo das ideias como o mundo real e verdadeiro, e não o mundo material e das coisas, no qual as pessoas se encontram. Também no sentido de que Platão entende o homem como um ser que possui corpo, parte material, e alma, parte imaterial. Tendo esse fato em consideração, importa tratar como Platão compreendia os conceitos de corpo e de alma e como estes se inter-relacionam. No livro Fédon (1999a) Platão já realça:

[...] enquanto tivermos corpo e nossa alma estiver absorvida nessa corrupção, jamais possuiremos o objeto de nossos desejos, isto é, a verdade. [...] Enquanto estivermos nesta vida não nos aproximaremos da verdade a não ser afastando-nos do corpo e tendo relação com ele apenas o estritamente necessário, sem deixar que nos atinja com sua corrupção natural, e conservando-nos puros de todas as suas imundícies até que o deus venha nos libertar (PLATÃO, 1999a, p. 127).

Ao se falar de corpo, é bem comum que suas definições estejam relacionadas ao que é palpável, ao material, constituindo-se em um conjunto de vários órgãos que se expressa na dimensão do que é sensível, e que possui necessidades básicas. Na concepção platônica a relação com o corpo deve ser apenas para o necessário, pois, o corpo não é nada mais do que o cárcere da alma, como Antiseri e Reale (2011) realçam:

O corpo é raiz de todo mal, fonte de amores insensatos, de paixões, inimizades, discórdias, ignorância e loucura. E tudo isso precisamente mortifica a alma. Essa concepção negativa do corpo sofre certas atenuações nas últimas obras de Platão, embora nunca desapareça por completo (ANTISERI; REALE, 2011, p. 152).

O corpo é possuidor de desejos que podem levar a pessoa à ruína, buscar satisfazer esses desejos se torna algo ruim por não serem saciados totalmente e fazer com que o homem os busque sempre mais, vivendo, assim, somente para os prazeres corporais e materiais de forma desenfreada, durante sua finitude.

O corpo é propício às sensibilidades, ao que lhe dá gozo, ao que não o oferece dor e sofrimento. O corpo é a raiz de todo mal, por causa da facilidade que a constituição física do indivíduo tem para se entregar aos prazeres sem limites, às paixões desordenadas, a construir inimizades e discórdias por causa da falta de controle sobre os impulsos corpóreos. Esses apetites dominam com rapidez e agilidade, fazendo com que o ser humano prefira continuar preso a tais vícios a passar

pela árdua missão de lutar e se libertar desse problema de dominação da parte material.

Então, é perceptível que, dentro da concepção platônica a respeito do que é o homem, no que se refere à parte material, o corpo é a parte suscetível às satisfações prazerosas que agradam e, com isso, o ser humano corre o grande risco de querer viver apenas para essas satisfações, sem limites, sendo controlado por seus impulsos.

Entretanto, no entendimento de Platão, o indivíduo não é formado apenas pela sua parte material corpórea, mas, também, por sua parte imaterial, a alma. Entendido que o corpo apresenta diversas suscetibilidades para o que não é bom. A partir de agora será apresentada a compreensão do filósofo ateniense sobre a parte suprassensível, ou seja, a alma, para que assim se possa chegar a alguma conclusão sobre o que é o ser humano, segundo a visão platônica.

A alma é a parte do homem que equivale a ele mesmo, já que este é, essencialmente, um ser de alma e não de corpo. Independentemente de se encontrar imersa no mundo material, ela está voltada para o mundo das ideias, de onde é originada e para onde deve retornar após sua passagem pelo mundo sensível, pois deseja algo além das coisas puramente sensíveis e efêmeras, que pouco lhe agradam. A alma, por essência, é voltada para o mundo inteligível, correspondente à natureza dela. A alma encarnada no sensível mantém sua orientação ao inteligível por meio da reminiscência² ou recordação, e tal mundo é o local em que a alma se contata com o verdadeiro conhecimento imutável. Mas, ao se encontrar na habitação das coisas materiais, se vê também presa a uma habitação que pode ser compreendida como uma espécie de cárcere, uma prisão: o seu corpo, fortemente inclinado ao sensível, e não ao suprassensível.

Platão fala do processo de purificação da alma, que deve ser realizado para que ela possa se desvencilhar das fraquezas do corpo humano: “Conseqüentemente, é “conhecendo” que a alma cura a si mesma, realiza a própria purificação, se converte e se eleva. E nisso reside a verdadeira virtude.” (ANTISERI; REALE, 2011, p. 153, grifo do autor).

² “Uma das coisas mais extraordinárias da filosofia platônica é a doutrina da reminiscência. Segundo ela o nosso conhecer é recordar. Ocasão para isso é o encontro com as coisas deste mundo, as quais são cópias das Idéias. O seu encontro desperta na alma a recordação das Idéias. Por exemplo, a vista das coisas belas faz despertar em nós a Idéia de Beleza; a vista de coisas justas faz despertar em nós a Idéia de justiça etc.” (MONDIN, 2008, p. 71).

O conhecimento é colocado como a cura da própria alma, para que possa se tornar apta a elevar-se rumo ao inteligível, onde se encontra o verdadeiro conhecimento. Dessa forma, a alma conseguiria alcançar o mundo do espiritual, da verdade e do conhecimento, bem como trilhar um caminho virtuoso. As paixões desordenadas, os vícios e as inclinações para os impulsos e desejos da parte física do homem podem ser controlados mais facilmente, para a virtuosidade habitar no ser humano, e ele agir de acordo com ela para o seu próprio bem material e imaterial.

Por ser originada no mundo inteligível, e por ter aptidão e preferência pelas coisas imutáveis, infinitas, e pelo verdadeiro, a alma é considerada por Platão como imortal, pois, só desta forma ela conseguiria chegar ao conhecimento da verdade na realidade inteligível. Chegar ao mundo das ideias só é possível por meio da parte do ser humano que é imaterial, que não é inclinada ao sensível do mundo terreno.

A alma possui em si três faculdades como se fossem sua divisão: a alma concupiscível, que é a mais voltada para as satisfações e para os desejos do corpo e que pede moderação; a irascível, que representa a coragem e a bravura dos homens que defendem a cidade e, por fim, a racional, que representa a sabedoria e a busca pelo verdadeiro conhecimento, principalmente dos que deveriam governar a cidade (ANTISERI; REALE, 2011). Todas essas partes devem estar ligadas à justiça, para que busquem uma vida virtuosa e pratiquem o que é bom e justo.

Portanto, a alma, no pensamento platônico, é a dimensão imaterial do homem, sendo imortal e voltada para o mundo ideal e desejando o que não é passageiro, ou seja, as coisas imutáveis, o conhecimento verdadeiro, o bem e a prática da justiça. Esta deve ser buscada pelas suas três partes, para que o ser humano não seja dominado pelo corpo e seus apetites.

Tendo compreendido o que é o corpo e o que é a alma na visão platônica, assim como enfatizado que as duas partes possuem grandes diferenças, importa saber como essas duas dimensões se relacionam na constituição ontológica do ser humano.

A relação que acontece entre corpo e alma é uma relação em que o primeiro, para Platão, é uma prisão em que a alma se encontrará durante a vida terrena, tendo que passar um determinado tempo aprisionada nesse recipiente material. Com o aprisionamento da parte imaterial, a atenção aos desejos dessa parte é colocado de lado pelo seu cárcere, ou seja, a dimensão material, que irá dar mais cuidado às suas disposições.

Assim, o corpo obtém maior domínio sobre o ser humano do que a própria alma no período mais jovem da vida, isso deve-se ao fato de o homem, que se encontra no mundo terreno, se deparar primeiramente com a realidade sensível. Ao começar a conhecer alguma coisa, no mundo material, o indivíduo somente esteja verdadeiramente se recordando dela no interior de sua alma, que a havia contemplado no mundo ideal.

O homem passa a ter afeição por esses conhecimentos da realidade material, junto com os amores, as paixões, a honra e a glória de tal realidade que o agradam e o fazem querer sempre mais. Ele acha que essa é a única e verdadeira realidade em que ele alcança o conhecimento e ainda vive segundo as honrarias e as glórias materiais, talvez conseguidas de maneiras injustas e maldosas. Esse pensamento fere a racionalidade da alma e alimenta a sua concupiscência, que deveria ser moderada.

A alma, como prisioneira do corpo, busca elevar-se mesmo com todas as dificuldades que são colocadas diante dela. Mesmo que a alma de um indivíduo tenha mais dominação da sua fração concupiscível, a virtude da moderação deve ser buscada pelo homem, e restringir o domínio para que ela não perca o seu controle sobre as pulsações amorosas e a busca pela satisfação corpórea. Portanto, o ser humano deve buscar a harmonia interior em seus movimentos pela racionalidade, como diz Lima Vaz (1991):

O homem é considerado do ponto de vista da conjunção da “alma” e do corpo (*tò synamphóteron*), mas o finalismo do inteligível se exprime na direção da “alma racional” (*tò logistikón*) que harmoniza os movimentos interiores (*tàs kinêseis pròs àllêla symmètrous*, 90 a) (VAZ, 1991, p. 37, grifo do autor).

A alma racional é a que leva o homem ao encontro da verdadeira realidade, pois se trata da parte capacitada para conhecer o real e contemplar o que é belo. Com a alma racional, o indivíduo pode ter o controle dos seus desejos corporais, uma vez que ela busca agir virtuosamente e com justiça no mundo sensível para elevar-se ao inteligível. Assim, o ser humano terá maiores condições de não viver para satisfazer todos os desejos do corpo, mas sim, para alcançar a sabedoria que o engrandece.

O homem que demonstra a busca pelos apetites é predominado pela alma concupiscível e, por esse motivo, corre um alto risco de se deixar domar pelo corpo. Já aquele que tem a irascível como predominante deve tomar o máximo de cautela,

pois o interior irascível possui aderência para a parte da alma racional, mas ele pode voltar-se para o lado apetitivo, corromper a si mesmo e se desvirtuar. Uma má educação pode ser a causa para que uma vida corajosa que se submetia à sabedoria da razão passe para uma vida descontrolada, somente pela ausência de uma boa educação que pode se mostrar totalmente edificadora nessa situação de autocontrole.

Por estar com maior tendência para a alma racional, a fração irascível do homem, que representa a sua coragem, característica dos protetores da cidade, não é tão voltada para os apetites do corpo, mas sim para a racionalidade e a sabedoria. No entanto, a má educação, ou seja, um mau desenvolvimento nesta vida, de um ser humano irascível pode fazer com que seja desencaminhado de tal condição de alma e viver como um ser dos prazeres e apetites, por se distanciar de vez do ser racional (VAZ, 1991).

No entanto, se um indivíduo se destaca pelo controle dos seus apetites, além de ser uma pessoa de coragem e possuir temperança para não chegar à cólera facilmente, este é um ser cuja alma é dominada pela racionalidade, que se deixa guiar pela sabedoria para se elevar para o mundo inteligível e que não se satisfaz com as honras e glórias do homem que se agrada com o sensível. A alma racional não deixa que a sua parte material a domine, não deixa que os impulsos corporais a guiem, mas rejeita todas essas coisas, para poder chegar ao conhecimento que é verdadeiro, além de educar o corpo no mundo material.

Portanto, a relação entre o corpo e alma é uma relação, que Platão apenas pressupõe a união encarnatória, de aprisionamento em que o material está a aprisionar a parte imaterial. No entanto, mesmo que o homem seja inclinado às coisas materiais, em um primeiro momento, por causa das suas relações com as coisas sensíveis na juventude, o movimento real do ser humano se dá pela sua alma, de acordo com a parte que mais predomina nela. O ser humano escolhe o modo com o qual irá viver no mundo terreno já que, independente da alma predominante dentro de si, ele é um ser que possui racionalidade e, por ser racional, pode amansar seus impulsos corpóreos e tentar viver o mais sabiamente possível.

Entender essa concepção do que é o ser humano para Platão é pertinente para a continuidade do trabalho aqui apresentado, pois assim como afirmado anteriormente, a educação está intimamente ligada à antropologia do filósofo ateniense, de como é o homem para ele, e isso ajudará na compreensão do tema da educação em Platão.

3.2 A ESTRUTURA DO LIVRO VII E A ANÁLISE DA ALEGORIA

A alegoria da caverna abre o livro VII de **A República**, em que Sócrates expõe a Glauco uma situação interessante e, ao mesmo tempo, inusitada sobre a natureza humana, quando se tem e quando não se tem presente a educação. O início desse livro aparenta dar seguimento a uma linha de debate que já estava acontecendo no livro VI, mas que recebe maior ênfase na atual parte.

Após a exposição da alegoria, que, adiante nesta seção, será analisada com mais destaque, os dois personagens seguem o diálogo, com Sócrates fazendo uma breve explicação do que acabara de expor, por meio de uma analogia de tal história com a realidade em que os dois se encontram. Assim, eles começam a conversar sobre a importância da educação, sobretudo para aquele que é filósofo, mas, também, para os outros indivíduos que a devem receber de acordo com a aptidão de cada um.

A discussão gira em torno de quais ciências levam a alma para o verdadeiro conhecimento, ou seja, para o conhecimento das essências, do que é imutável (PLATÃO, 2008). A ciência dos números, a geometria, a astronomia e a dialética deveriam ser repassadas às crianças e aos jovens, pois, são essas ciências que movem a alma para o essencial, principalmente a dialética. Essas ciências são consideradas importantes pelos personagens, após certas reflexões que levam tanto Sócrates como Glauco a compreenderem melhor a colaboração delas para o conhecimento, principalmente os que devem, segundo o filósofo ateniense, governar a cidade. Lazarini (2007) destaca:

O livro VII, portanto, esboça as diferentes etapas de ascensão do filósofo para a ciência suprema do bem, a fim de torná-lo capaz de assumir o governo da cidade ideal. Primeiramente, isso pode ser constatado na alegoria da caverna e, em seguida, mais visivelmente, na definição dos conteúdos e dos diversos períodos da carreira do filósofo, a qual resulta de um longo ciclo de estudos que começa na juventude e segue até a idade favorável para o pleno desempenho do cargo de dirigente da cidade, quando ele já conseguiu atingir o ápice da sabedoria: a contemplação do bem (LAZARINI, 2007, p. 38).

Nesta parte da obra platônica é percebido que a educação que o ser humano deve receber para elevar a sua alma necessita de tempo e paciência, para que, no final de todo o ciclo, o homem apto tenha a genuína capacidade de guiar o seu povo

e realize sua habitação de maneira justa e virtuosa, que só é possível porque ele chegou a contemplar a ideia suprema, que é a do Bem.

Assim, a estrutura do livro passa pela alegoria da caverna, por uma breve explicação e analogia dela com realidade, por um debate que busca descobrir as ciências que ajudam o ser humano a elevar a sua alma e a se ocupar com aquilo que lhe é favorável. Desta forma, deve se dar determinada atenção aos que mostram maior aptidão para a filosofia, para governar a *polis* no futuro por amor a ela, e a conclusão da sétima parte da obra expõe que tal debate alcançou o seu objetivo.

A alegoria da caverna de Platão é um dos seus textos mais famosos, em que o filósofo apresenta o que pode ser considerado uma síntese da sua própria filosofia. Essa metáfora apresenta **como que** um caminho educacional didático, na forma de diálogo. Tendo isso em consideração, é possível compreender que esse processo envolve grande complexidade e desafios, exigindo esforço, disciplina, e paciência, tanto da parte de quem educa quanto da parte de quem é educado.

A alegoria se desenvolve a partir de um diálogo entre os personagens Sócrates e Glauco, sendo o primeiro o personagem principal. Eles procuram chegar a uma conclusão de como cada indivíduo se comporta durante a sua vida terrena, para mostrar se a educação faz uma diferença positiva a ser considerada ou não, como já foi colocado anteriormente.

Assim, Sócrates apresenta a Glauco a história de alguns homens que, desde o nascimento, encontravam-se aprisionados no interior de uma caverna escura e presos, de maneira que não podiam se mexer, nem os pés, nem as mãos e nem a cabeça; só conseguiam olhar para uma parede no interior da caverna. Esta era iluminada por uma fonte de fogo separada dos indivíduos por um pequeno muro, em uma elevação atrás deles. Esses prisioneiros apenas conseguiam ver as sombras de tudo o que passava pela frente do fogo e se refletia no fundo da caverna. Ouviam as vozes daqueles que passavam conversando e os barulhos que produziam:

– Estranho quadro e estranhos prisioneiros são esses de que tu falas – observou ele.

– Semelhantes a nós – continuei. Em primeiro lugar, pensas que, nestas condições, eles tenham visto, de si mesmo e dos outros, algo mais que as sombras projetadas pelo fogo na parede oposta da caverna? (PLATÃO, 2008, p. 210).

A respeito de tais prisioneiros no interior da caverna, Glauco responde a Sócrates que a situação exposta é uma situação bem estranha, cuja razão não está bem clara. Ao que Sócrates retruca “– Semelhantes a nós” (Platão, 2008, p. 210). Continuando a explicar que os indivíduos que se encontram acorrentados no local subterrâneo não podem ver nada mais do que as sombras que por ali passam, sejam apenas pessoas ou pessoas carregando algum objeto. E, caso os prisioneiros conversem entre si, com certeza dariam nomes às imagens que passassem no interior da caverna, considerando-as coisas reais e verdadeiras, pois o fundo da caverna seria para aqueles homens o mundo real. Marcondes (2010) apresenta que:

Esses prisioneiros, como o próprio texto explicita, somos nós, ou seja, o homem comum, prisioneiro de hábitos, preconceitos, costumes, práticas, que adquiriu desde a infância e que constituem “correntes” ou condicionamentos que o fazem ver as coisas de uma determinada maneira, parcial, limitada, incompleta, distorcida, como “sombras” (MARCONDES, 2010, p. 65, grifo do autor).

O fundo da caverna, onde se encontram os homens acorrentados, representa o mundo sensível, lugar em que todas as pessoas passam sua vida terrena. A intenção de Sócrates, nesse início de diálogo, é levar Glauco a compreender isso - tomada de consciência que corresponde a um passo importantíssimo para Platão no que se refere à educação. Vivendo de maneira que só podiam observar as sombras e escutar algumas vozes aparentemente emitidas pelas sombras, acreditando que tudo aquilo era o mundo verdadeiro, tais seres humanos acorrentados representam aqueles que se encontram no mundo sensível, e mais do que isso, que estão totalmente acorrentados a ele, reféns do que ele oferece na sua condição de mundo material e passageiro.

Essa é uma primeira etapa no que pode ser considerado um processo de educação do homem, já que todos os humanos nascem com inclinação para aderir às coisas sensíveis, e acreditando no mundo terreno como o mundo da verdadeira realidade, visto que se apresenta como realidade imediatamente dada. Assim, as pessoas nascem no mundo sensível, onde organizam toda a sua vida e seus afazeres, e onde o conhecimento se baseia no senso comum, fundamento imediato e, segundo Platão, acrítico da sabedoria e da verdade. Mas se trata, de acordo com o filósofo, apenas de ilusão e falsidade, pois as pessoas nem imaginam o quão bem presas estão numa realidade que é, de fato, uma cópia da realidade verdadeira, como uma sombra da mesma. É, então, necessária uma primeira tomada de consciência em

relação a essa condição de aprisionamento ilusório a falsas concepções sobre o real e a verdade não somente ontológica, mas, também, ético-política.

Na continuidade do diálogo, Sócrates argumenta que, caso um dos prisioneiros fosse liberto das algemas que o prendem e o deixam imóvel, e, então, pudesse se mexer e se endireitar, o prisioneiro sentiria incômodo e dor. E, se quem o libertou ainda o fizesse olhar para a luz do fogo, os seus olhos ficariam ofuscados, diz Sócrates, além de ficar confuso ao ver as pessoas que passavam com os objetos e geravam as sombras que ele via no interior da caverna. De certo, acharia, nessas primeiras circunstâncias, as coisas que via, enquanto preso, mais reais do que essas que ele podia ver agora. A visão das coisas verdadeiras lhe causaria confusão, por não conseguir entender o que estaria acontecendo e o que estaria sendo visto (PLATÃO, 2008). Nesse ponto, o diálogo platônico continua mostrando o desenvolvimento do processo, com uma tomada de consciência cada vez maior. Sócrates, assim, afirma que, se o forçassem a subir o árduo e íngreme caminho até a saída da caverna, o homem sentiria dor e sofrimento. Quando chegasse à saída da caverna, não conseguiria olhar para nada por causa da claridade que ofuscaria os seus olhos, que viviam nas sombras, deixando-o cego por um certo tempo:

– Precisava de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objetos, refletidas na água, e, por último, para os próprios objetos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e o seu brilho de dia (PLATÃO, 2008, p. 211).

Platão, assim, está indicando que o ser humano, sem perceber, encontra-se aprisionado desde que nasceu, vivendo no mundo terreno e o tendo como realidade perfeita. Mas, tudo começa a mudar quando o indivíduo, acorrentado à sensibilidade, encontra a ocasião que o faz despertar para um nível mais profundo de realidade e para a necessidade de desfazer as ilusões tidas, até então, como a verdade.

Quando o homem que é solto de suas correntes sobe o caminho árduo e íngreme que leva à saída da habitação subterrânea, isso significa que ele se dispõe a deixar a sua inclinação e seu apego ao sensível. Nesse ponto, as reflexões críticas, que geraram incômodo, começam a despertar a racionalidade dele, fazendo-o libertar-se paulatinamente dos conhecimentos do senso comum, pelos quais ele era, outrora, fascinado. E esse caminho longo, que exige esforço, dedicação e, por vezes, solidão,

é o caminho do verdadeiro filósofo, cidadão que deve governar o estado. Com isso, Platão ilustra, metaforicamente, a ascensão da razão humana, ou da sua alma intelectual, rumo a sua plenificação por meio da reminiscência das verdades. A estudiosa salienta:

A alegoria da caverna apresenta a dialética como movimento ascendente que liberta o nosso olhar da cegueira causada pelos sentidos para vermos a luz das idéias através da razão. O caminho em direção à luz é gradual e demorado, por isso é preciso constante disciplina e diligência. A dialética é, segundo Platão, um método rigoroso através do qual se chega à filosofia (LAZARINI, 2007, p. 45).

Quem vai por tal caminho torna-se diferente dos outros seres humanos que preferem ficar, já que os que ficam preferem confiar e acreditar na realidade sensível, assim como no falso conhecimento que ela passa. Já o que decide partir, deixa-se guiar pela razão, e essa transforma-o em um ser virtuoso, que não quer ficar preso às cópias e às sombras, mas quer algo bem superior e real.

Segundo Platão, a matemática e a dialética se mostram fundamentais para que o ser humano dirija-se para fora da caverna, fazendo com que o homem refine a sua parte imaterial por meio da abertura ao outro, enquanto possibilidade de uma verdadeira educação. Daí, pode surgir para o indivíduo aberto às realidades ideais, um mestre, capaz de auxiliá-lo a se livrar das algemas que o prendem à sensibilidade e ao erro, sobretudo por meio do raciocínio dialético.

O estudioso diz: “O educador é aquele que cria ocasiões que possibilitam o conhecimento e a superação do seu educando.” (TEIXEIRA, 2012, p. 64). Assim, as ocasiões de desenvolvimento da alma racional acompanham o discípulo até sua chegada intelectual ao suprassensível. Nesse trajeto da interioridade da alma, há uma busca constante por melhora e superação diante das dificuldades que lhes são impostas. Essa condição permite que o indivíduo cresça em virtude e sabedoria para chegar aonde a alma racional, por natureza, deseja.

Na alegoria, quando o homem chega ao mundo verdadeiro, seus olhos ficam totalmente ofuscados ante tão grande claridade que se dá pela luz do sol. Ele mal consegue enxergar, necessitando de tempo para se habituar. Só depois começaria a olhar as coisas por suas sombras, em seguida pelos reflexos na água, até, por fim, conseguir olhar para as coisas mesmas e contemplá-las diretamente. Ao chegar à noite, poderia contemplar o céu com as suas estrelas e a lua e, após estar bem

habitado, ele tornar-se-ia apto para contemplar o sol, que é a grande luz que a tudo clareia. Chegaria, dessa forma, à conclusão de que o sol é a razão de todas as outras coisas, ou seja, a fonte do ser e do sentido de tudo o que há. É o que fala Sócrates a Glauco (PLATÃO, 2008).

O homem que chega a tão sublime contemplação do mundo inteligível, não tem desejo e nem vontade de retornar a sua antiga habitação, em que se encontrava aprisionado e em que os seus companheiros ainda se encontram, alguns ainda se gloriando das coisas materiais e com o conhecimento do senso comum. O indivíduo que percorreu todo caminho de educação, marcado pela lapidação de uma vida justa e virtuosa e pelo conhecimento verdadeiro desejaria passar por qualquer sofrimento a retornar para a antiga habitação, diz Sócrates a Glauco e este concorda, ao que o personagem principal ainda complementa:

– Suponho que seria assim – respondeu –, que ele sofreria tudo, de preferência a viver daquela maneira. [...] – E se lhe fosse necessário julgar daquelas sombras em competição com os que tinham estado sempre prisioneiros, no período em que ainda estava ofuscado, antes de adaptar a vista – e o tempo de se habituar não seria pouco – acaso não causaria o riso, e não diriam dele que, por ter subido ao mundo superior, estragara a vista, e que não valia a pena tentar a ascensão? E a quem tentasse soltá-los e conduzi-los até cima, se pudessem agarrá-lo e mata-lo, não o matariam? (PLATÃO, 2008, p. 212).

Mesmo voltando à realidade sensível, ele já não mais estaria habituado a ela, e seria julgado por seus companheiros por não mais reconhecer aquilo que outrora reconhecia bem. Seus antigos companheiros ou concidadãos pensariam que a subida para fora da caverna tinha lhe estragado a visão. De outra maneira, o processo educacional que o libertou das realidades sensíveis e materiais o tornara tão diferente, que por ele agora não viver mais conforme os outros, numa vida entregue às honrarias e aos prazeres materiais, e por não mais aderir ao conhecimento ilusório de seus companheiros, seria compreendido como um louco.

Mas, para Platão, é esse ser humano que contemplou as ideias no mundo inteligível que deve “voltar” para mundo terreno e governar a *polis*, pois ele é o mais capacitado para trazer a maior felicidade possível aos vários homens que se encontram a contemplar as sombras. Lê-se que: “Platão caracteriza com isso a missão político-pedagógica do filósofo, que, não contentando-se em atingir o saber, deve procurar mostrar a seus antigos companheiros na caverna a existência da realidade superior, [...]” (MARCONDES, 2010, p. 67).

Assim, a verdadeira educação para Platão eleva a alma ao verdadeiro conhecimento. Contudo, nem todos são capacitados, ou nem mesmo querem, alcançar esse conhecimento, como mostra a alegoria da caverna. São poucos os que têm coragem para sair da caverna, tendo antes que trilhar o caminho para tal saída, o qual é exigente, doloroso e solitário, para deixar os falsos conhecimentos e alcançar os verdadeiros, por meio da dialética. O processo educacional em Platão visa tornar todos os homens virtuosos, até aqueles que têm grandes apetites, posto que neles a alma concupiscível é a predominante. Esse tipo precisa usar da moderação como controle para tal inclinação. Porém, só quem realmente é dominado pela alma racional e não tem medo de subir o caminho que leva para fora da caverna é que realmente eleva sua *psyché* por meio da educação para o inteligível e, assim, alcança a verdadeira felicidade.

4 OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO EM A REPÚBLICA

A apresentação do livro VII já expõe a importante ligação dessa parte da obra com a temática educacional, a qual gerou uma conversa valorosa entre Sócrates e Glauco a respeito do tema, realçando quanto o ser humano pode elevar-se à medida que recebe uma boa educação. É demonstrado, dessa forma, que a vida humana está intimamente entrelaçada com a educação recebida, principalmente no proceder individual do dia a dia dentro da *polis*.

Torna-se comum o estudo e a interpretação do livro VII, de **A República**, e até mesmo da própria alegoria da caverna nele contida, como um processo educacional, mostrando as contribuições desse grandioso escrito platônico, que inspira diversos tipos de análise até os dias de hoje, o que é pertinente e válido (LAZARINI, 2007). Nesta parte do trabalho, serão apresentados os fundamentos³ da educação, mediante o estudo do livro VII, sobre os quais podem ser os possíveis fundamentos, importantes os alicerces da educação, para o **parto** do conhecimento.

Assim, o caminho que será percorrido nesta seção é: primeiro, apresentar quais são os fundamentos da educação; segundo, expor como esses fundamentos se relacionam entre si; e terceiro, discorrer sobre como essas ideias contribuem para a educação. Desta forma, o caminho a se trilhar deverá apresentar a importância dos fundamentos de maneira clara, bem como a relação entre eles e a contribuição que geram no processo educacional do homem.

Com os apontamentos antropológicos fundamentais e com a análise da parte VII de **A República** já trabalhados na seção anterior, agora se têm mais condições para uma melhor exposição dos fundamentos da educação. A base do processo educacional é compreendida como uma condição primordial, que sustenta a formação do indivíduo que busca uma vida feliz na cidade em que ele habita. Essa base deve fundamentar a boa educação, que eleva a alma humana, tornando-a feliz.

³ Por **fundamento**, nesse contexto, deve-se entender as bases: “Na linguagem corrente, designa aquilo sobre o qual repousa alguma coisa: outrora se falava dos ‘fundamentos de uma casa’, mas hoje se fala de suas ‘fundações’. A filosofia utiliza esse termo para designar aquilo sobre o qual repousa, de direito, certo conhecimento. Assim, o fundamento de um conjunto de proposições é a primeira verdade sobre a qual elas são deduzidas.” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 117, grifo do autor).

4.1 QUAIS SÃO OS FUNDAMENTOS?

O primeiro fundamento que aqui é apresentado é: a **capacidade** de aprender do ser humano. A exposição desse fundamento pode ser compreendida como uma colocação tautológica e que não demonstra muita pertinência, já que se trata de uma pressuposição ou requisito mínimo para a educação. De fato, essa condição anda lado a lado com a capacidade de aprendizagem do homem. Contudo, este primeiro alicerce deve ter reflexão e atenção, pela importância que possui mesmo que, por vezes, não seja dada a ele a devida valia.

A capacidade de aprender dá ao indivíduo a possibilidade de poder ser educado, ser formado. E quando se fala aqui de aprender é com base na teoria da reminiscência de Platão, sustentada pelo processo de recordação daquilo que já foi contemplado e registrado mnemonicamente pela alma humana. Na alegoria da caverna, a possibilidade de conhecer pode ser observada no momento em que Sócrates coloca a Glauco: “– Então, se eles fossem capazes de conversar uns com os outros, não te parece que eles julgariam estar a nomear objetos reais, quando designavam o que viam?” (PLATÃO, 2008, p. 210). Os homens, no interior da caverna, ao estarem a nomear os objetos, já demonstram uma aptidão ao conhecimento; mesmo a simples atividade de dar nomes e reconhecer imagens pelas sombras demonstra que o indivíduo é capaz de conhecer e de aprender.

O reconhecimento das imagens refletidas dentro da habitação subterrânea requer certo conhecimento por parte da pessoa que lá se encontra, mesmo que esse conhecer se apresente como superficial, mas que pode, no entanto, ser elevado. Assim, o aprender leva o homem a despertar o conhecimento que há em si, processo elucidativo que pode aumentar gradualmente de acordo com a capacidade e a disposição individual para se desenvolver. Jaeger (2003) argumenta:

A verdadeira educação consiste em despertar os dotes que dormitam na alma. Põe em funcionamento o órgão por meio do qual se aprende e se compreende; e conservando a metáfora do olhar e da capacidade visual poderíamos dizer que a cultura do Homem consiste em orientar acertadamente a alma para a fonte da luz, do conhecimento (JAEGER, 2003, p. 888).

Como visto, na seção precedente, nos apontamentos antropológicos fundamentais, a alma possui suas aptidões e características, voltando-se para o que

a predomina, ou seja, para os dotes naturais que a identificam. A elevação da alma humana acontece mediante o impulso em busca do conhecimento, que nem todos se dispõem a realizar, optando, assim, por permanecerem onde já se encontram, não deixando a alma se dirigir ao verdadeiro conhecimento.

Assim, chega-se ao segundo ponto de fundamentação da educação. Se o primeiro é a capacidade de aprender que o ser humano possui, o segundo diz respeito à **vontade** que o indivíduo tem para aprender, à disposição para a aprendizagem. A capacidade é natural ao homem, mesmo que as capacidades de cada um se manifestem de maneira diferente, já a vontade depende da inclinação pessoal para algo ou para determinada situação, de maneira livre e natural (LAZARINI, 2007).

Forçar alguém a fazer algo que não queira, ou seja, que não demonstre tanta vontade ou nenhuma vontade pode forçá-lo contra as aptidões da sua própria alma, pois, se assim não fosse, não precisaria ser forçado a tal coisa. Assim, pode-se refletir sobre a vontade de aprender, pela qual uma pessoa deve se doar de maneira livre ao processo de aprendizagem, pois isso é uma pré-disposição da *psyché*, que está aprisionada ao corpo. É uma predisposição no sentido de capacidade inata, e não enquanto predeterminação. Platão (2008) destaca o estilo de quem deve ser escolhido para os estudos mais aguçados:

– De toda maneira, quero que penses que devem ser essas naturezas que têm de se escolher; devem preferir-se os mais firmes e corajosos e, até onde for possível, os mais formosos; além disso, devem procurar-se não só os de caráter nobre e másculo, mas também as características naturais condizentes com o nosso esquema de educação. [...] Precisam, meu caro, de ter agudez de espírito para o estudo e não ter dificuldade em aprender. É que as almas tomam-se muito mais do receio dos estudos aturados do que dos exercícios de ginástica. Efetivamente, o esforço que fazem é mais íntimo, uma vez que é só deles, e não partilhado pelo corpo (PLATÃO, 2008, p. 232).

De acordo com a visão platônica, os que demonstram a valiosa vontade de busca por uma educação mais avançada, manifestando assim o desejo sempre crescente por aprender, devem ser escolhidos e incentivados a se dedicarem cada vez mais às suas vocações, no que diz respeito à educação. A não dificuldade com o estudo e com o aprender, além de ser um fruto da alma, é uma disposição, uma vontade de elevar a própria parte imaterial, para que ela alcance o conhecimento seguro e verdadeiro que concede uma vida justa e virtuosa (TEIXEIRA, 2012).

Todo indivíduo demonstra certa vontade de aprender algo, mas nem todos demonstram a mesma vontade para as mesmas aprendizagens, ou seja, há pessoas

que terão mais disposição para aprender ensinamentos mais simples do que ensinamentos mais complexos. O homem que possui uma dominação maior por parte da sua alma racional buscará os conhecimentos verdadeiros, tendo vontade para buscá-los e tendo gozo por alcançá-los, diferentemente de quem possui uma dominação concupiscível.

A vontade demonstra uma aderência da *psyché* para aquilo que a caracteriza, para a sua preferência, como no apetite de satisfazer os desejos do corpo, como a disposição para ser um guardião, um guerreiro, ou como impulso para o desejo do conhecimento. Desta forma, a vontade de aprender se apresenta como algo que provém da alma humana, mas que pode acabar sendo atrapalhada pelos instintos corpóreos que acabam por se opor às buscas pelo conhecimento verdadeiro.

O terceiro fundamento da educação é: o ato de fazer com que a pessoa gere o conhecimento que há em si, ou seja, de ser um indivíduo que **estimule o parto do conhecimento** por parte do outro. Sócrates seria o grande exemplo a ser seguido nesse quesito, visto ter sido um homem que sempre buscou fazer com que cada pessoa despertasse o conhecimento que se encontra dentro dela, sem o reter, entretanto, só para ela, na sua particularidade.

A capacidade de aprender juntamente com a vontade para isso, propõe ao ser humano um despertar e um ir em busca do conhecimento, que, quando alcançado, produz grande alegria em quem o alcançou e deverá ser compartilhado com outros. Ao se chegar ao conhecimento verdadeiro, não se pode o querer somente para si, de maneira egoísta e solitária, mas sim querer levá-lo aos demais indivíduos para os ajudar a bem viver.

Glauco, no diálogo com Sócrates, expõe a sua momentânea insatisfação, vendo que os homens que alcançaram o conhecimento devem voltar a levar uma vida inferior: “– Quê? Vamos cometer contra eles a injustiça de os fazer levar uma vida inferior, quando lhes era possível ter uma melhor?” (PLATÃO, 2008, p. 215). Ao que o personagem principal lhe explicará que tal indivíduo deve voltar para colaborar com a *polis*. Ajudar a cidade, na sua totalidade, é uma função de grande importância e para essa função o ser humano tem que estar bem preparado e disposto a fazer com que os outros gerem essa consciência de colaboração. Isso, só o filósofo consegue fazer, ciente de que esse trabalho não lhe causará prejuízo nenhum, mas benefícios (PLATÃO, 2008).

O homem, como participante de uma habitação em que se encontram várias outras pessoas, tem a responsabilidade para com a sua individualidade, como também para com a coletividade, ajudando seu povo a dar à luz ao conhecimento, buscando assim a justiça e o bem. Teixeira (2012, p. 54) destaca: “A educação, para Platão, possui uma finalidade: a prática do bem. E o bem está associado à sabedoria enquanto busca da verdade. O amor pela sabedoria e pela verdade possibilitará que o bem seja praticado.”.

Despertar o conhecimento que se encontra no outro é uma boa atitude, é uma prática virtuosa, que leva à apresentação do último fundamento da educação que aqui é exposto: a **prática do Bem**. A busca pela edificação individual enquanto ser humano, no que se refere à parte material e imaterial, deve levar à edificação coletiva, que envolve outros indivíduos, visando o bem deles e o bem da própria cidade, para a sua melhor organização e seu maior desenvolvimento.

Praticar o bem é buscar cuidar do todo como um conjunto em que cada peça possui o seu valor e a sua importância, pois a falta de uma peça causa a desarmonia, que deve ser evitada, para que, assim, haja a excelência de desempenho de cada função. O responsável por guiar a cidade à realização deve ser habilmente preparado, sendo capaz de incentivar a prática do que é bom e justo, gerando no povo a atitude de colaboração entre todos. Sócrates explica a Glauco:

– Assim é, meu amigo. Se descobrires uma vida melhor do que governar, para os que devem governar, podes conseguir um Estado bem administrado. [...] – Ora, a verdade é que convém que vão para o poder aqueles que não estão enamorados dele; caso contrário, os rivais entrarão em combate (PLATÃO, 2008, p. 216).

Governar o Estado, segundo Platão, é função do filósofo, pois ele governaria por amor, tendo zelo e cuidado, sem deixar os desejos perversos e corruptíveis o dominarem, como dominam tantos outros. Ao contrário, ele permite que a virtude e sabedoria o conduzam. Estar à frente da cidade para guiá-la é praticar o bem consigo mesmo e para com os outros habitantes, pois é por amor à sabedoria, ao conhecimento e ao povo, que tal função será exercida, e não pela ânsia ao poder e as honrarias humanas e sensíveis.

4.2 COMO OS FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS SE RELACIONAM?

Os quatro fundamentos que foram apresentados são: a capacidade de aprender do ser humano, a vontade de aprender, o gerar conhecimento no outro e a prática do Bem. Esses fundamentos da educação levam ao bom uso do conhecimento despertado, que tem como o fim último a prática do Bem, para que o uso do saber não se rebaixe às superficialidades das honrarias e das glórias humanas, mas se eleve ao zelo pela justiça.

Todos os três pontos fundamentais da educação levam ao último e mais importante, o praticar o Bem. Assim, os fundamentos se relacionam para que a educação seja utilizada de maneira correta e adequada dentro da *polis*, visando à justiça e ao que é bom. Desta maneira, a cidade se tornará um lugar melhor, em que as corrupções e fraudes não sejam mais buscadas pelos homens que aí habitam, mas sim o que é edificante⁴ para o indivíduo e a sua casa. Lê-se que:

Portanto, a cidade ideal depende basicamente de dois elementos na formação de seus cidadãos: a educação, voltada para o preparo do homem justo, e a ética, pois não basta ser educado para seguir um caminho, sendo necessário ter a compreensão de que o caminho para o qual se foi educado é o caminho correto, não havendo outra alternativa (MENESCAL, 2009, p. 72).

A educação é primordial para a realização da cidade, por isso que aqui destacamos a importância de seus fundamentos. Sendo ela bem fundamentada, a formação do ser humano será adequada, o que o orientará para uma vida efetivamente ética. Aqui vale lembrar que, no pensamento socrático-platônico, a ética se refere a uma síntese na alma entre conhecer o Bem e o ser bom. A partir desse pressuposto, tem-se que a orientação ética da vida só é possível pelo fato de os fundamentos se relacionarem, não sendo isolados uns dos outros. Tal relação é que faz o processo educacional ser formador de uma sociedade voltada para os exercícios éticos e virtuosos.

A capacidade de aprender do homem deve estar em íntima relação com a vontade de aprender. A capacidade está presente no indivíduo e deve ser despertada, para que ele tenha a noção de que é capacitado para alguma aprendizagem. Após a

⁴ Edificante ou edificar-se, no sentido platônico, diz respeito às atitudes e práticas que contribuem para que o ser humano viva de maneira ética e responsável na cidade e que ajudem a elevação da alma do indivíduo.

tomada de consciência de ser capacitado, deve haver a ligação com a vontade, para que perceba que a sua capacidade está orientada para algo do seu interesse ou, como já comentado, para a inclinação da sua alma.

Assim, é perceptível a necessidade de ligação entre os dois pontos, a capacidade e a vontade, que levam à compreensão do ser capaz e do ser mais capaz para aquilo que se tem vocação. A vontade de aprender impulsiona a capacidade que se encontra dentro do homem, fazendo com que ele busque aprimorar seu conhecimento pelo desejo da aprendizagem daquilo para o qual ele é inclinado.

Ao despertar e aprimorar o conhecimento pela capacidade e pela vontade, o indivíduo que busca a sua própria realização na *polis* não pode e nem deve, enquanto cidadão ético, reter para si o conhecimento que ele aperfeiçoou. Compartilhar o conhecimento aperfeiçoado e alcançado é uma maneira de se poder despertá-lo nos outros indivíduos, inclusive nos mais jovens, para que possam parir o que neles já se encontra. Isso é gerar o conhecimento no outro.

Ajudar os outros cidadãos da habitação (concidadãos) a parir o conhecimento que há neles é uma atitude virtuosa específica dos que estão verdadeiramente preocupados com a cidade. São esses ajudantes que despertaram e buscaram o conhecimento com a ajuda de outros e que, agora por sua vez, querem colaborar. O homem que busca viver ajudando os outros a despertarem o que há neles mesmos é o indivíduo que segue o exemplo do mestre de Platão, que por ele é considerado o mais sábio dentre todos os homens.

É possível notar, neste ponto, que os fundamentos se relacionam de uma maneira gradual, em que um leva ao outro, e que nenhum fundamento desses deve ser deixado de lado, visto que se pode correr o risco de não se ter uma educação tão boa e formadora. Os três alicerces apresentados devem levar ao último e principal alicerce, a prática do Bem, que é ligado a todos os outros, mas que é alcançado com maior perfeição quando se segue cada um dos outros passo a passo. Teixeira (2012) destaca:

Platão insiste em que conheçamos cada vez mais a *Ideia* do Bem. “Contemplar a *Ideia* do Bem” é um “aprender a *Ideia* do Bem”. Graças à *Ideia* do Bem, temos a luz que permite a todas as coisas mostrarem-se e, sobretudo, chegar ao próprio ser das coisas. [...] Tal coisa por demais grandiosa é tarefa da educação (TEIXEIRA, 2012, p. 54, grifo do autor).

Para se praticar o Bem, deve-se conhecê-lo. A melhor maneira para isso é com uma boa educação, pois é função desta levar a tal conhecimento. Mas, como já se falou neste trabalho, trata-se de uma tarefa bastante exigente e rigorosa. A Ideia do Bem é a ideia superior do mundo suprassensível, que faz com que as outras ideias existam. Por isso, como pensa Platão, o conhecimento e a contemplação de tão grandiosa ideia fazem com que o homem queira praticar o que é bom e o que é justo.

O indivíduo que diz que possui o conhecimento e sabe o que é bom, mas não busca gerar o conhecimento nos outros e não pratica o que é bom e justo é apenas um enganador, que não conhece o Bem verdadeiro e que goza das injustiças em seu benefício. Aquele que realmente chega à contemplação da ideia superior e dos seus saberes não consegue praticar o mal, pois só se chega a tal contemplação o que quer uma vida virtuosa e justa, e que rejeita aquilo que o afasta dessas coisas.

A prática do Bem é tão sublime que pode levar o homem justo a preferir ser morto a dar um mau exemplo, praticando a injustiça, como, por exemplo, fugindo da sua sentença para poder viver. É este o testemunho de Sócrates e que Platão (1999b) relata em seu diálogo Críton: “– Portanto, também não devemos cometer injustiças contra os que cometem contra nós, mesmo que este povo julgue isto justo, sendo que concordas que isto não pode ser feito de forma alguma.” (PLATÃO, 1999b, p. 108). Críton busca ajudar Sócrates a fugir da pena desmerecida de morte que ele sofreu injustamente, ao que ele recusa, e acaba por praticar o Bem, não descumprindo o que lhe foi sentenciado pela maioria dos votos no julgamento, respeitando as leis de Atenas.

O homem que é capaz de aprender e tem a vontade de buscar a sabedoria, por meio da aprendizagem, tornando-se um exemplo que desperta e gera o conhecimento nos outros, esse é o homem que contemplou o Bem e que se alegra com o exercício do que é justo e bom. A finalidade de toda boa educação fundamentada é a de levar o ser humano à prática do Bem acima de todas as coisas, e, assim, colaborar com a edificação e a elevação da cidade e com os mais aptos no governo de tal local.

Dessa forma, observa-se que a relação entre os fundamentos da educação do homem é de interdependência, ou seja, um fundamento leva ao outro e todos apontam para a prática do Bem, que é o principal fundamento. A educação construída sobre esses fundamentos leva o ser humano, de maneira gradual, a chegar ao conhecimento verdadeiro, que é encontrado após a subida íngreme e exigente para a saída da caverna, onde ele contemplará a Ideia do Bem (PLATÃO, 2008). Os

fundamentos educacionais em suas relações já demonstram grande colaboração para a educação, vale ressaltar agora como os fundamentos contribuem para a educação na atualidade.

4.3 COMO A FUNDAMENTAÇÃO PLATÔNICA CONTRIBUI PARA A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

A educação por si só é um desafio grandioso e que exige cautela para quem com ela trabalha. A importância dela, assim como a contribuição sem igual que ela fornece a uma sociedade é enorme, quando é adequadamente preparada e possui bons fundamentos. Os modelos educacionais vão sempre se modificar com o passar do tempo, às vezes evoluindo ou regredindo, ou, até mesmo, permanecendo num meio termo, por isso, colocar a educação sobre bons fundamentos pode favorecê-la significativamente.

Para se formar convenientemente uma pessoa, faz-se necessário também um bom formador, que faça o formando evoluir no seu processo de aprendizagem e que busque despertar o conhecimento que nele reside. Uma educação formadora deve se atentar a questões pertinentes como essas que envolvem os formadores ou professores, e esses devem ter o processo educacional bem alicerçado, para que gere os frutos esperados.

Para Platão, quem deve governar a *polis* é aquele que está preparado, ou seja, o homem que foi bem educado e se destacou entre todos os outros, pela vontade de aprender e a facilidade, o indica que nele predomina a alma racional, a qual se inclina para o conhecimento verdadeiro (PLATÃO, 2008). Os frutos de uma educação bem fundamentada não são apenas para um grupo seletivo, mas para todas as pessoas, pois, além de ela ajudar os estudantes a parir o conhecimento que há neles, ajuda-os a descobrirem as suas vocações, as suas aptidões:

Platão insiste em *A República* sobre a importância da educação, não apenas como aquisição de conhecimento, mas, sobretudo, ele insiste no fato de que a educação deve ajudar o homem na escolha de uma vida mais elevada, elevação essa que é sinônimo de uma alma nobre e justa. É fundamental viver uma vida honesta que possibilite ao homem escolher sempre aquilo que é melhor (TEIXEIRA, 2012, p. 105, grifo do autor).

As pessoas possuem vontades diferentes, desejos de aprender coisas diferentes, mas toda a aprendizagem e toda a educação que é recebida é para a elevação de quem a recebe, é para que tal pessoa busque fazer o melhor no que ela escolheu. Diferente do modelo de educação sofística, que vende aprendizagens para se levar vantagens sobre os outros, Platão entende que a educação bem fundamentada deve levar a uma vida nobre e justa, onde a prática do Bem é o maior ideal.

Na contemporaneidade, a busca por um estilo de vida que contemple a honestidade e a justiça acaba por ser muito falada e pregada aos indivíduos, principalmente para os estudantes, mas que não avança, ou seja, não é traduzida para a prática. O exemplo de uma vida mais ativa na prática da justiça e da honestidade também são escassos, pois se trata de uma conduta que está se tornando mais rara, e um dos principais motivos para isso é uma educação debilitada, que não possui bons fundamentos (BITTAR, 2005).

Assim como uma casa necessita de seus alicerces para não cair, uma boa educação também necessita ser bem fundamentada, para que não fique desacreditada ou até mesmo seja usada para práticas ruins, corrompendo os homens e os levando a uma vida medíocre. Olhar para a educação apenas como uma forma para lucrar no futuro, para passar em uma boa faculdade e conseguir um bom emprego, como uma maneira de ser bem visto pela sociedade, é uma visão semelhante à dos sofistas e que Platão tanto repudiou.

Os fundamentos de um processo educacional, como os que foram apresentados com base no livro VII de **A República**, têm importante e significativa contribuição para uma formação que busca levar o homem à prática do Bem, o fundamento principal da educação. Assim, o ser humano engrandecerá a sua cidade não só pelas belas palavras, mas também, pelas suas atitudes, em todo tipo de serviço que seja executado, principalmente o da administração pública. Platão (2008) destaca, com mais especificidade, os que devem ser escolhidos para guiar a cidade e para colocá-la sobre bons fundamentos:

– Ora, somos nós que temos de tomar precauções em relação a todos esses casos. Se formos buscar homens de boa constituição física e intelectual, para os educarmos nestes estudos e treinos, a própria justiça não terá nada a censurar-nos, e salvaremos a cidade e a constituição. Mas, se trouxermos para estas atividades pessoas sem valor, obteremos o efeito inverso, e

despejaremos sobre a filosofia uma onda de ridículo ainda maior (PLATÃO, 2008, p. 233).

Quando se tem uma boa educação, todas as outras áreas da cidade, no quesito profissional, desenvolvem-se, sobretudo se as pessoas exercerem suas funções por amor a sua morada. Isso reforça a importância de uma educação bem fundamentada. Se, em todas as áreas, uma boa formação educacional colabora de forma excelente, mais ainda ela colaborará para aqueles que mostram aptidão e vocação para governar, pois estes, no futuro, teriam ainda mais zelo com o processo educacional na sua administração.

Dessa forma, tanto os professores quanto os administradores públicos, que governam a *polis*, como todas as outras áreas profissionais, demonstrarão mais efetividade e mais zelo com as suas respectivas funções, buscando a edificação da cidade. Bittar (2005) destaca a importância da política relacionada à educação:

A perda do ideal de direcionamento da política para a educação parece representar uma perda de sentido para a coisa pública. Isso porque a verdadeira missão da política parece residir na educação. Educar as almas é função de todo o Estado. Assim também, as almas são educadas para servir aos fins maiores do Estado, de modo que cada tipo de função comporta um tipo de educação. O bem-estar da cidade, e, por consequência, do indivíduo, é determinado pelas condições com as quais se estruturam as políticas do Estado (BITTAR, 2005, p. 59).

Pensar em uma melhora na política no período contemporâneo é também pensar em uma melhora na educação e vice-versa; é fundamental muito bem essa última para que a primeira possa melhorar de maneira proporcional e gradual, para que os interesses puramente particulares sejam substituídos pelos coletivos. Com a melhoria da administração pública, por causa da boa educação, todos os outros serviços prestados também irão melhorar, pois a prática do Bem, o engrandecimento da cidade e a orientação por uma vida justa e honesta serão buscados pelos cidadãos.

Assim, as contribuições para a educação, tendo em vista a ideia de um processo educacional bem fundamentado, com inspiração no livro VII, levam à compreensão de que tanto a *polis*, na sua totalidade, quanto os seus habitantes são muito beneficiados. Os homens que são bem formados com a educação adequada, que visa à prática do que é bom, e que têm facilidade para aprender são os que estão mais aptos para os serviços públicos e para conduzir a cidade, como Platão (2008) expõe:

Depois de terem visto o bem em si, usá-lo-ão como paradigma, para ordenar a cidade, [...] e assumirão cada um deles a chefia do governo, por amor à cidade, fazendo assim, não porque é bonito, mas por que é necessário. Depois de terem ensinado continuamente outros assim, para serem como eles, e de os terem deixado como guardiões da cidade, na vez deles retirar-se-ão para habitar nas Ilhas dos Bem-Aventurados (PLATÃO, 2008, p. 237).

O desprezo por um bom preparo e por uma boa construção de base para a educação acarretará em consequências e toda a cidade será prejudicada, na contemporaneidade é possível perceber isso, desde as funções mais simples até as mais complexas. A educação bem preparada e fundamentada é de suma importância para uma sociedade, podendo contribuir muito, tanto no presente como no futuro. Mas, caso ela seja mal elaborada e planejada, deixará consequências maléficas.

Os fundamentos da educação possibilitam que o próprio processo educacional leve o ser humano às melhores escolhas, olhando não somente para si, mas, para a coletividade que se encontra na *polis*, onde sua realização enquanto ser humano é possível. Fundamentar a educação no período contemporâneo é imprescindível para que seja retomado um processo que visa o **parto** do conhecimento por parte do indivíduo, já que o conhecimento reside nele.

Adaptar os fundamentos educacionais para a contemporaneidade é primeiramente mostrar a importância de fundamentar a educação. Com ela bem fundamentada, o trabalho de procurar meios e materiais que ajudem a despertar a vontade do indivíduo, que é capaz de aprender, se torna mais eficaz. O trabalho desenvolvido em uma determinada matéria acadêmica deve buscar os meios e os materiais capazes de despertar a vontade de um estudante para o que está se estudando, de modo que o dever de cursar determinada disciplina não anule o despertar da vontade.

Assim, o indivíduo que teve vontade de aprender e consegue chegar ao conhecimento, buscará compartilhar o conhecimento com os outros com o intuito de gerar neles a vontade por tal busca, praticando desta forma o Bem, por meio de boas atitudes. Entretanto, a prática de buscar gerar a vontade de conhecer nos outros pode encontrar alguma limitação ao se confrontar com as mentalidades educacionais e políticas que olham para a administração pública e para a formação do homem como algo lucrativo, as utilizando para interesses próprios, usando a desculpa de que se importam e zelam com o processo educacional e com a sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho elaborado salientou a importância da educação na filosofia platônica e o quanto Platão a considerava um tema caro, visto que, sua filosofia é capaz de mudar o rumo de uma sociedade e das vidas das pessoas, tanto positiva quanto negativamente. O filósofo ateniense percebeu que o processo educacional contribui de forma significativa na vida em comunidade, por meio de sua própria vivência, observou que a finalidade da educação era prover os meios necessários para se alcançar as pretensões individuais que geravam honras em vez do bem comum.

A exemplo de Sócrates, Platão era crítico aos processos educacionais que buscavam levar o indivíduo somente ao desenvolvimento do bom discurso com a intenção de se obter honrarias e vantagens ante as outras pessoas. Assim, a influência de seu mestre o levou a refletir sobre novos meios que viessem a colaborar com a educação, de modo que tornasse, de fato, uma boa formadora para o ser humano, levando-o a parir o conhecimento que encontra-se no seu íntimo.

O ser humano, sendo composto de corpo e alma, segundo a antropologia platônica, apresenta as suas aptidões no seu proceder e na sua formação. Essas aptidões ajudam o professor a formar, da melhor maneira, o estudante e a guiá-lo para algo que, ao mesmo tempo, o engrandeça e colabore com a *polis*. Dessa forma, serão escolhidos os mais aptos para a educação que forma o homem para governar a cidade, assim como serão formados para outras funções os indivíduos que possuem inclinação para tais, fazendo com que a cidade funcione da melhor maneira possível.

Uma boa educação, para bem orientar o indivíduo e fazê-lo gerar o conhecimento, garantindo-lhe realização, deve ser muito bem fundamentada e organizada. Caso contrário, os benefícios que podem ser obtidos serão desperdiçados. Neste trabalho, pode-se confirmar que é viável fundamentar a educação, segundo as ideias contidas no livro VII de **A República**, e que os fundamentos apresentam valorosos benefícios e colaborações para que o processo educacional seja adequado e construtivo, mesmo nos dias atuais.

A capacidade de aprender, a vontade de aprender, o gerar conhecimento no outro e a prática do Bem são os pontos principais que possibilitaram a confirmação de que é possível alicerçar a educação no livro VII. Os pontos que foram apresentados como os fundamentos educacionais destacam a pertinência da educação mesma, assim como, a colaboração indispensável desta para a sociedade. A educação, sendo

fundamentada sobre boas bases, garantirá, como visto, mais eficiência no seu trabalho formador, conduzindo o homem para a prática do Bem.

A relação dos fundamentos educacionais entre si leva ao último e principal fundamento que é a prática do Bem, por meio de uma vida virtuosa e justa, que não se compraz em injustiças, corrupções e maldades, que devem ter o desprezo do homem adequadamente educado. Praticar algo bom é fruto de uma boa formação, que leva o indivíduo à contemplação do Bem, que Platão apresenta como a mais elevada das Ideias, e que se reflete como prática pessoal no proceder diário, buscando ajudar os outros e o melhor *status* ético-político para si.

Mesmo na educação contemporânea, ter um processo educacional que contribua com uma boa formação para o próprio estudante e que o incentive a colaborar com a vida em sociedade é ter uma educação erigida sobre bons fundamentos. O estilo de educação fundamentada, de acordo com as bases que foram apresentadas, deixa de lado o pensamento de que uma pessoa deve transmitir o conhecimento a outra que não o possui, e fortalece o pensamento da necessidade de auxiliar o outro a parir o conhecimento que nele já se encontra.

Assim, esta pesquisa buscou expor a importância de se fundamentar a educação, a partir da base teórica oferecida pelo livro VII de **A República**. Segundo Platão, essa base é necessária para que todo o processo educacional funcione com a máxima perfeição e eficiência, formando um homem ético, justo, apto a praticar o Bem. Este trabalho não encerra todas as reflexões possíveis a respeito dos fundamentos para a educação, nem todas as contribuições que podem ser alcançadas por meio dela, mas abre possibilidades para novos trabalhos e investigações nessa linha, seja a partir da mesma obra, **A República**, seja a partir de outras fontes e autores.

REFERÊNCIAS

- ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia**: Filosofia pagã antiga. v. 1. 5. ed. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2011.
- BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. Platão: decepção política e educação política. In: _____. **Curso de Filosofia política**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2005. p. 53-74.
- DIALÉTICA. In: JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 73.
- FUNDAMENTO. In: JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 117.
- JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: a formação do homem grego. 4. ed. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LAZARINI, Ana Lucia. **Platão e a educação**: um estudo do livro VII de "A República". 2007. 79 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252980>>. Acesso em: 11 mar. 2020.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da Filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- MENESCAL, Ana Alice Miranda. **A Idéia de Justiça e a Formação da Cidade Ideal na República de Platão**. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://www.uece.br/cmef/dissertacoes-2009/>>. Acesso em: 07 abr. 2021.
- MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**: os filósofos do Ocidente. v. 1. 15. ed. Tradução Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Filosofia).
- PLATÃO. **A República**. 2. ed. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2008. (Coleção a obra-prima de cada autor).
- _____. Críton. In: _____. **Platão**. Tradução Nova Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 99-114. (Coleção Os Pensadores).

_____. Fédon. In: _____. **Platão**. Tradução Nova Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 115-190. (Coleção Os Pensadores).

RIBEIRO, André A.; SARDI, Sérgio Augusto. Platão. In: PECORARO, Rossano (Org.). **Os Filósofos**: clássicos da Filosofia- de Sócrates a Rousseau. v. I. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018. p. 40-60.

TEIXEIRA, Evilázio F. Borges. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 2012. (Coleção Filosofia).

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia filosófica I**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1991. (Coleção Filosofia).

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento e teoria da ciência**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Filosofia).